

PORTO DE VALETTA.

DISPERSAS pelos volumes anteriores deste nosso jornal se encontrarão muitas e varias noticias ácerca da ilha e Ordem de Malta, que podem dar sufficiente idéa do territorio, assim como da historia da valorosa milicia que o possuia: abstenho-nos de estender aqui um rol de citações, porque o leitor curioso facilmente achará pelos indices alphabeticos dos volumes os artigos que porventura queira consultar; apontaremos tão sómente o retrato e biographia do grão-mestre Vilhena a pag. 321 do vol 2.º; porque é impossivel fallar em Malta sem trazer á memoria o nome daquelle distincto conterraneo nosso.

Appresentando uma vista maritima da cidade principal, La Valette ou Valetta, daremos, para complemento do que já temos escripto, o extracto seguinte do — *Jornal da viagem do Sr. José Joaquim Lopes de Lima de Góa para Lisboa por Bombaim, Suez, Alexandria e Malta em 1842*: opusculo de 71 paginas de 8.º impresso no anno preterito. —

Em uma boa caleça, [cujo interior se assemelha ao de um decente coche envidraçado, — montado porem de um modo peculiar a Malta no extremo posterior de um mui alto jôgo de longos varaes em fórma de paviola, sustentado sobre duas grandes rodas, e puxado por um corpulento, e seguro macho guiado á mão por um arrieiro que corre ao lado da besta, ainda que esta vá a grande trote] atravessámos a Misida, Vilhena, e as complicadas fortificações da Floriana: de perto vimos que a cidade é cercada de hortas, e jardins praticados na rocha com incansavel trabalho de desbasta a pedra em tableiros, e cobri-los depois de marne, aonde á força de rega se produzem mui boas hortaliças, e algumas flores: mas como para suster esta terra artificial, e abrigar as plantas da furia do vento, todas estas hortas são cercadas d'altos muros de pedra in-

SETEMBRO 7 — 1844.

sossa, que encobrem toda a vegetação; e como nelas não ha uma só arvore, a não ser de quando em quando alguma lorangeira, quem olha em distancia nada vê senão pedra, o que torna a paizagem extremamente arida em toda a extensão do horisonte. Entrando em La Valette pela Porta Real nos dirigimos a ouvir missa [porque era domingo] na magestosa igreja de S. João, — vasto e riquissimo templo todo de marmore de diferentes côres, em cujo tópo logo se divisa o grupo colossal em marmore branco de S. João baptizando a Christo collocado no fundo do côro, e no meio do mesmo côro o rico altar-mór com embutidos de lapis-lazuli: erguendo os olhos para o tecto geme-se de ver tão arruinadas, e quasi perdidas, as bellas pinturas, que o decoram, todas do pincel de Mathias Pretti, denominado o *Calabrez*: porem baixando a vista ao pavimento, que nova especie de riqueza vem encher a nossa alma de respeito, e admiração! . . . Todo elle é formado das campas sepulchraes dos cavalleiros commendadores e balios da Ordem: são todas de marmore, e sobre cada uma dellas um lindo mosaico de jaspes, agathas, e outras pedras de valor appresenta uma urna sepulchral, as armas, os tropheos, e o epitaphio daquelle insigne varão, a quem pertenceram: o olho corre avidamente a procurar nas legendas o nome historico de cada um destes valentes campeões da christandade, e o pé como que treme de pizar estes pomposos jazigos, maravilhas de arte, destinadas a perpetuar a vaidade mundana do pó da humanidade: . . . coube-me a sorte de ajoelhar sobre uma campa perto da porta, e fitando os olhos no escudo d'armas, vi em um dos quarteiros as armas de Portugal: era de um balio F. . . Pinto de Carvalho, e de roda jaziam outros compatriotas, sobre cujas ossadas cubertas de pompa elevei o co-

2.ª SERIE — VOL. III.

ração a Deus nesta terra estrangeira. Acabada a missa, fomos visitar as capellas: entrei logo na de Portugal: quando m'a não indicassem as armas reaes d'elrei D. Manuel esculpidas no interior da arcada, bastavam para me guiar os dois tumulos de Manuel Pinto da Fonseca, e A. Manuel de Vilhena, — o primeiro de marmore branco com uma fama, e um genio do mesmo marmore, e um rico retrato em mosaico do energico grão-mestre Pinto, — e o segundo de bronze, e marmore negro, sustentado por dois leões de bronze, e em cima o busto do mesmo metal do grão-mestre Vilhena: estes dois nomes se acham aliás esculpidos em muitos dos frontispicios das melhores, e mais uteis fundações de Malta: seguindo as outras capellas, nas quaes um amator tem que fixar a sua attenção nas bellas pinturas de Caravaggio, e Mathias Pretti, dirigi-me á capella da Virgem, e ajoelhando junto á balaustrada de prata, que defende o Sacrario, contemplei as chaves de Rhodes, trazidas por Villiers L'Ile Adam, e pendentes da parede. . . Sabindo dalli contemplei o mausoleu de Zondadari, e cheio dos grandes pensamentos que inspira este templo, aonde o sentimento religioso se liga a tantas idéas de heroismo cavalleiresco, e aristocracia monacal, atravessei o pavimento mosaico de seu grande côro, e percorrendo abstracto as capellas de França, e Italia, eis-nos outra vez na rua; e tornando a entrar na caleça nos dirigimos a *La grande barraca*, passeio, ou antes miradouro publico, construido por A. Manuel de Vilhena junto á famosa albergaria de Castella, e sobranceiro á bateria das salvas, — no qual se elevam os tumulos de dois Maitlands [tio, e sobrinho] . . . Que espectáculo tão novo, e arrebatador se offereceu a nossos olhos deste ponto elevado! Por baixo de nós o Porto Grande estendia a sua abra pacifica, por toda a parte cercada de fortalezas, e coroada no fundo pelas fortificações de Coradino, em quanto em frente para nós pareciam avançar arrogantes as duas cidades = Victoriousa, ou Borgo = e = La Sangle ou L'Isola =, capitaneada a primeira pelo seu maciço e antiquissimo castello de Sant'Angelo, theatro de tantas gentilezas d'armas, e de tamanho heroismo: o movimento, que reinava nas suas enseadas [Porto das Galés, — e Porto Francez] mostrava bem que ellas servem ao mesmo tempo d'abrigo ás náus, e de ruas aos habitantes: no Porto das Galés do lado de La Sangle a machina de mastrear inculcava a situação do arsenal britannico do Mediterraneo; e lá no fundo se avistavam as casas, e campanarios da cidade = Burmola, ou La Cospicua, = e por detraz della erguia uma frente altiva o monte de Santa Margarida coroado de muralhas, e canhoneiras: e olhando para o lado do mar o forte de Riccasoli com seus negros canhões parecia ameaçar os navegantes, que demandavam aquella plaga . . . Nem uma só arvore se offerecia á vista em tão largo horisonte: mar, e céu; . . pedra, e navios; . . tres portos, cheios de náus; . . quatro cidades, e seis grandes fortalezas se viam alli reunidas a pouco mais do alcance de um tiro de canhão para todas as partes . . . Malta possui na verdade uma perspectiva peculiar, que se não assemelha a nada daquillo, que antes se tem visto: percorremos os seus bastiões inexpugnaveis, a bella praça d'armas do forte Sant'Elmo, as suas ruas acedissimas, e perfeitamente alinhadas, posto que estreitas, e muitas dellas excessivamente alcantiladas: tem muitos palacios, e as casas particulares são todas de boa apparencia com terraços, e balcões fechados na

frente; mas é incommodo andar na rua por causa dos mendigos, que accommettem, e perseguem os viandantes com uma obstinação insupportavel.»

POUCA LUZ EM MUITAS TREVAS.

1579 — 1580.

Se ha alguma epocha da nossa historia que nos offereça uma alta lição; se ha algum successo que nos possa fazer energicamente sentir quaes sejam as consequencias fataes da perversão moral de qualquer paiz, e como aos povos corrompidos não tarda o dia da servidão, ou de serem riscados da lista das nações, os fins do seculo 16.º e a conquista de Portugal feita por Philippe 2.º são essa epocha e esse facto. As virtudes politicas de nossos maiores, o seu amor de independencia grosseiro, feroz até se quizerem, tinham esmorecido gradualmente com as pompas dos reinados de D. Manuel e D. João 3.º; com o vão luxo, e com as desgraçadas riquezas adquiridas na Asia, quasi sempre por preço de immoralidades e crimes. As resistencias e luctas da idade media, que alimentavam o sentimento da propria dignidade, não só nas classes sociaes, mas tambem nos individuos, haviam cedido o passo a um servir mais ou menos abjecto para obter como mercê ou privilegio o gôzo de vantagens e direitos que a fraqueza dos municipios e a decadencia da nobreza tinham deixado perder. O homem do concelho, o burguez, em lugar de se unir aos seus iguaes para repellir nos parlamentos os vexames dos poderosos, achava mais facil para a timidez, que substituíra na sua alma a antiga ousadia, receber como recompensa de serviços humildes ou como esmola de charidade, uma parte dos tributos oppressivos e rigorosamente illegaes que se lhe extorquiam, e as classes elevadas entendiam que era menos arriscado, e sem comparação mais commodo, obterem de joelhos e por carta de graça ante os chancelleres, privados, e desembargadores, alguns fragmentos das suas legitimas ou illegitimas prerogativas, do que imitarem o duque de Bragança pondo a cabeça n'um cadafalso por amor dellas. Como a moeda antiga, cujos cunhos o roçar de muitos annos apagára, o caracter portuguez estava poido e quasi de todo gasto quando chegou, pela desgraça d'Alcacer-quivir, o curto reinado do velho cardeal D. Henrique.

À morte deste principe, a cuja completa degeneração moral só pôde servir de desculpa o ter sido apenas um agonisante coroado, seguiu-se a conquista castelhana e o dominio dos tres Philippes durante sessenta annos. Por todo esse largo periodo quasi não passou um dia sem affrontas ou oppressões para o povo subjugado. Portugal amarrado ao poste da tyrannia estrangeira, assistiu como se fosse uma cousa morta e inerte á desmembração do proprio corpo. Os ministros de Castella que pouco melhor tratavam o seu paiz natal, a cada porção das nossas colonias de que hollandezes, inglezes ou francezes nos expulsavam, a cada náu ou comboi que nos saqueavam ou mettiam a pique accrescentavam um novo tributo, um novo vexame, uma nova quebra de nossos direitos; e foi só nessa especie de estufa ardente que pôde semear-se, nascer, e vecejar a planta de odio vivaz, que nos restituiu ao menos um symulachro da extincta energia, e nos temperou de novo para reconquistarmos n'uma

lucta de quasi meio seculo a antiga independencia como nação, senão a antiga vida politica e os antigos foros de liberdade.

A tradição conservou na memoria do povo a lembrança dos largos e variados males que nos trouxe o senhorio estranho: contra elle nos tem guardado e guarda ainda pelo temor essa recordação; mas as causas que os geraram, essas, como mais remotas e mais difficultosas de avaliar, é que pouco a pouco nos vão esquecendo, e este esquecimento é ajudado pelos escriptores menos reflexivos, a quem deslumbram as tristes glorias dos descobrimentos e conquistas, e os elogios que por ellas nos dão com admiravel magnanimidade aquelles para cujo proveito tantas gentilezas d'armas, tanta ousadia, e tantos crimes praticámos, e que esperaram tranquillamente nos suicidassemos moralmente para recolherem a herança que lhes ajuntaramos. As paginas laudatorias que ainda hoje abi se leem ácerca das eras manuelina e joanina, e que nos fazem lembrar dos *panegyrici veteres* em que os rhetoricos romanos ridiculamente antepunham a fastosa decadencia do imperio aos tempos asperos, mas viris e robustos, do crescimento da republica, são a maneira mais segura de inutilisar as proveitosas admoestações da historia, cujo estudo encerra por via de regra a explicação do presente e a prophacia do futuro. Diz-se, na verdade, que um grande numero de fidalgos e pessoas principaes se venderam a Philippe 2.º no reinado do cardeal D. Henrique: cita-se o nome de D. João Mascarenhas, o heroe de Diu, com uma certa indignação pelo contraste da sua vida passada, o de D. Christovam de Moura, como o de um franco regenado da patria, o do bispo Pinheiro como de um insigne hypocrita; emfim os nomes de muitos outros, e especialmente os dos quarenta mercadores politicos que receberam dos castelhanos os celebres *cartazes* ou cédulas para as recompensas futuras. Mas a que nos conduz isto? A imaginarmos que os corrompidos eram alguns homens, ou quando muito alguma classe. Todavia a verdade é que estendemos covardemente o collo ao jugo estranho, porque a nação estava degenerada. Onde quer que Filippe 2.º encontrava uma resistencia acudia abi com ouro ou com promessas, e quasi que tinha a certeza de superar a difficuldade: a questão estava, não na compra e venda, mas só no quanto do preço. A tenacidade e o amor da independencia nacional dos Phebos-Moniz foram excepções monstruosas. O proprio D. Antonio, que era chamado pelas circumstancias a representar o papel de D. João 1.º, e que, bem como elle, tinha por si o amor popular, foi um miseravel, que só se collocou á frente das resistencias, as quaes dirigiu sem ordem, sem juizo, e sem energia, porque não lhe chegaram os castelhanos ao preço porque lhes queria vender alma e corpo. Dizem que Philippe 2.º se queixava de ter feito uma cara mercancia em comprar Portugal: esta irrisão insolente da tyrannia, cuspida com legitima causa nas faces de uma nação, foi á sua parte um castigo mais severo da immoralidade publica do que todas as oppressões de sessenta annos de jugo estrangeiro.

Quando se compara a epocha de 1580 com a de 1385 é que se conhece quão largos passos tinha dado Portugal no caminho da corrupção durante o *brilhante e glorioso* seculo dos descobrimentos e conquistas: é nessa comparação que está a prôva de que o antigo character portuguez se pervertêra completamente não só nas classes privilegiadas, mas no

proprio povo; nesses que nos apraz considerar unicamente como victimas das traições da nobreza. O povo não resistiu á invasão estrangeira, porque lhe faltava esforço, crença, patriotismo; isso tudo jazia no sepulchro da idade media. As situações eram rigorosamente analogas. — O poder de Castella no tempo de Philippe 2.º tem servido de desculpa á geração apoucada que estendeu os pulsos ás algemas. Mas para saber se ella podia ou não resistir era necessario tentá-lo. Não o fez, salvo se se quizer chamar resistencia aos tumultos de um vulgacho desordenado, em duas ou tres povoações do reino e na capital. Tem-se exaggerado o poder de Philippe 2.º, e imagina-se que entre as forças das monarchias castelhana e portugueza na epocha do filho de Carlos 5.º havia uma superioridade a favor daquella muito maior que no tempo do rival do mestre d'Aviz, de D. João 1.º de Castella; mas qual é o facto? — É que Philippe 2.º mandou o duque d'Alva com 20:000 homens tomar conta de Portugal, o que esse general fez quasi sem combate, e que D. João 1.º veio pessoalmente á frente de 35.000 homens enterá-los em Aljubarrota. — Portugal teria acaso menos recursos materiaes ou menos população em 1580 que em 1385? — Duas mil lanças, as melhores de França, ajudavam D. João de Castella contra nós. Quem ajudava Philippe 2.º? Haviamos perdido em Africa dez ou doze mil soldados com D. Sebastião. É verdade. E quaes não tinham sido as nossas perdas durante as longas e desastradas guerras de D. Fernando, em que Lisboa chegou a ser cercada, e destruida na sua melhor parte? A aristocracia seguia o bando do rei estrangeiro em 1580. E em 1385 a quem se inclinava decididamente a principal fidalguia? Tambem ao rei estrangeiro. E todavia a nação venceu então, e foi vencida depois sem peleja. Os successos do fim do seculo XVI não se explicam por accidentes e circumstancias, que estão longe de terem o valor que lhes tem dado: explicam-se por um facto gravissimo da ordem moral, a morte da nacionalidade.

A epocha em que se preparou o dominio castelhano é na tão mal estudada historia portugueza uma das mais imperfeitamente conhecidas. E todavia ella offerece uma altissima lição aos povos. Se a narração dos successos acontecidos nos tempos em que tinhamos virtudes, e a energia e amor de patria que nos distinguiram antes do reinado de D. João 2.º, nos pôde excitar uma honrada emulação, o espectáculo dos ultimos paroxismos da nossa lastimosa decadencia ainda, porventura, considerada nas suas causas, nos será mais proveitosa pelo nojo e horror que deve causar nos animos essa especie de prostituição politica a que nos chegou a soltura de costumes, e de que foram manancial perenne os habitos de desenfreado, cubica, e egoismo, que em cada monção carreavamos do Oriente para a Europa. A historia da segunda metade do seculo XVI pôde fazer ante as gerações presentes o papel do ilota embriagado, que os lacedemonios expunham aos olhos dos mancebos nas horas da refeição, para pelo tedio e desprezo os premunirem contra o vicio da embriaguez.

Mas o fazer dignamente o quadro das traições covardes, das corrupções hediondas, das torpes cubicas, da indifferença e imbecilidade popular daquelles tempos não é facil tarefa. Tudo isso se hade ainda ir em grande parte arrancar das trevas de archivos particulares e nacionaes, de documentos e memorias que nunca viram a luz do dia. A historia

como hoje existe está bem longe de nos fazer sondar o abysmo de tanta perdição, e achar as causas verdadeiras de tão extraordinarios effeitos. É depois dessas laboriosas indagações e da publicação dellas, que o historiador poderá pintar com exacção o estado deploravel da sociedade portugueza na epocha em que alcançou emfim subjuga-la a sua antiga rival.

Uma serie de documentos temos diante de nós não só conducentes para esse fim, mas bastantes em si para moverem a curiosidade. Daremos a substancia delles, acompanhando-os de notas necessarias para intelligencia dos menos versados nos successos politicos daquelles tempos, e no conhecimento das personagens que figuraram no drama, mais repugnante ainda que lastimoso, da venda de Portugal a Castella. Os documentos a que alludimos pertencem a uma collecção da bibliotheca real.

Durante o curto reinado do cardeal D. Henrique [1578 — 1580] os animos estiveram sempre occupados com a questão de saber quem seria o seu successor. Aquelles que pareciam ter maior numero de probabilidades eram o prior do Crato, D. Antonio, filho bastardo do infante D. Luiz e sobrinho do cardeal; o duque de Bragança, por sua mulher D. Catharina neta d'elrei D. Manuel; e Philippe 2.º, neto tambem de D. Manuel por sua mãe. D. Antonio, chegado do captiveiro de Berberia pouco depois da aclamação de D. Henrique, era o mais popular dos pertensores, e o que parecia estar mais resolvido a obter a corôa a todo o custo. — O duque de Bragança procedia frouxamente no negocio, posto que as suas riquezas, a sua influencia, e o esplendor com que vivia, o tornassem a primeira pessoa do paiz depois do monarcha. Philippe 2.º fazendo menos ruido que D. Antonio, porem mostrando mais decisão e firmeza que o duque, trabalhava principalmente nas trevas para reinar sobre toda a Peninsula.

D. Christovam de Moura, portuguez, e o duque de Ossuna eram os agentes de Castella em Lisboa. Moura recorreu a um vasto systema de corrupção, aproveitando a influencia que lhe davam as suas relações de parentesco e amizade com a fidalguia, e as promessas e ouro de Philippe 2.º, que não se mostrava escaço. O proprio cardeal-rei, desafecto á casa de Bragança, e muito mais a D. Antonio, favorecia a ambição do castelhano. A camara de Lisboa, depois de mostrar o desejo insensato de que o velho monarcha se casasse para obter successão, passou a requerer que nomeasse elle um successor. Reuniram-se côrtes, e de quinze pessoas propostas por estas escolheu elrei cinco governadores para regerem o paiz depois de sua morte, e de vinte-quatro jurisconsultos onze para julgarem a causa da successão, ficando occultos os nomes dos escolhidos. Jurou-se acceitar o que estes julgassem por legitimo rei depois da morte do cardeal. Dos tres pertensores, deram juramento o duque de Bragança e D. Antonio, posto que este depois protestasse, declarando que só o fizera por medo d'elrei seu tio, de cuja côrte já andava desterrado. Os embaixadores de Philippe 2.º recusaram jurar em nome de seu amo, dizendo que a legitimidade delle não podia ser contestada, e que por isso não acceitariam juizes. Já então os homens mais influentes que rodeavam o cardeal, vendidos aos castelhanos, o tinham feito inclinar de todo a Philippe. Por isso em quanto perseguia o prior do Crato, tentava por escripto persuadir D. Catharina de Bragança que cedesse de todo o direito á corôa, contentando-se com ficar o

duque senhor do Brazil onde poderia tomar o titulo de rei, e em Portugal com a administração perpetua do mestrado de Christo. A duqueza, porem, na sua resposta regeitou estas offeras por si e por seu marido. A carta original da duqueza ainda existia no tempo do conde da Ericeira, D. Luiz de Menezes, segundo elle affirma.

Conhecidos pelo povo os designios do cardeal rei, começaram a apparecer symptomas de serias perturbações. As côrtes em que se haviam nomeado governadores e juizes tinham acabado. Nos fins do mesmo anno de 1579 em que foram celebradas, convocaram-se outras novas para o anno seguinte, com o fim de acalmar os animos inquietos. Nestas côrtes reunidas em Almeirim [onde elrei se achava por causa da peste] no janeiro de 1580 appresentou o celebre Phebo-Moniz, procurador por Lisboa, um protesto sobre o direito que tinha o povo de eleger rei por morte de D. Henrique; protesto que no meio dos tramas a favor de Castella não teve effeito algum. O cardeal já moribundo veio a fallecer no fim do mesmo mez. Os cinco governadores nomeados antecedentemente, e que eram o arcebispo de Lisboa, D. Jorge d'Almeida, o vedor da fazenda D. João Mascarenhas, o camareiro-mór Francisco de Sá, D. João Tello de Menezes, e Diogo Lopes de Sousa governador da casa do civil, tomaram então conta do governo, proseguindo as côrtes. O povo insistia nas suas pertensões, e dava já visiveis signaes de revolta, cujo foco era Santarem, e cuja alma parece ter sido Phebo-Moniz, que ousou apellidar de traidores e vendidos a Castella ostres governadores que realmente o eram — Mascarenhas, Sá de Menezes, e Lopes de Sousa, requerendo fossem substituidos por outros. Temendo talvez que a minoria daquelle symulachro de representação nacional servisse de centro a uma energica resistencia ás pertensões castelhanas, o governo dissolveu a assemblea, e a acceitação de Philippe 2.º para rei de Portugal foi definitivamente resolvida.

D. Antonio, cujo nascimento de bastardia, cujo character audaz, e uma grande popularidade recordavam nelle o mestre de Aviz, depois de ter covardemente negociado com o manhoso filho de Carlos 5.º, e de não lhe haverem sido acceitas as propostas pelo alto preço em que avaliava a sua traição á patria, lançou-se nos braços da gentalha, persuadido de que com ella poderia disputar a corôa ao seu poderoso rival. A casa de Bragança essa contentava-se com fazer allegações de direito; porque o genio brando e timido do duque não o habilitava para proceder do modo que requeria a gravidade das circumstancias politicas.

Finalmente a revolta dirigida por D. Antonio, que se fez acclamar rei de Portugal, rebentou em Santarem, e estendeu-se a Lisboa, e a Setubal, d'onde os tres governadores affeiçoados ao dominio estrangeiro, e que ahi se tinham acolhido como a lugar seguro, fugiram para Ayamonte, e declararam francamente, por uma sentença a favor do rei castelhano, que de feito renegavam a independencia do seu paiz.

Entretanto o famoso duque d'Alva, talvez o primeiro capitão do seu tempo, entrava com um poderoso exercito pelo Alemtejo e subjugava successivamente todas as povoações importantes. Chegando a Setubal e rendida esta villa, embarcou o exercito hespanhol na armada de D. Alvaro Bazan, e desembarcando em Cascaes accommetteu Lisboa, que de balde D. Antonio tentou defender. Assenhoreados

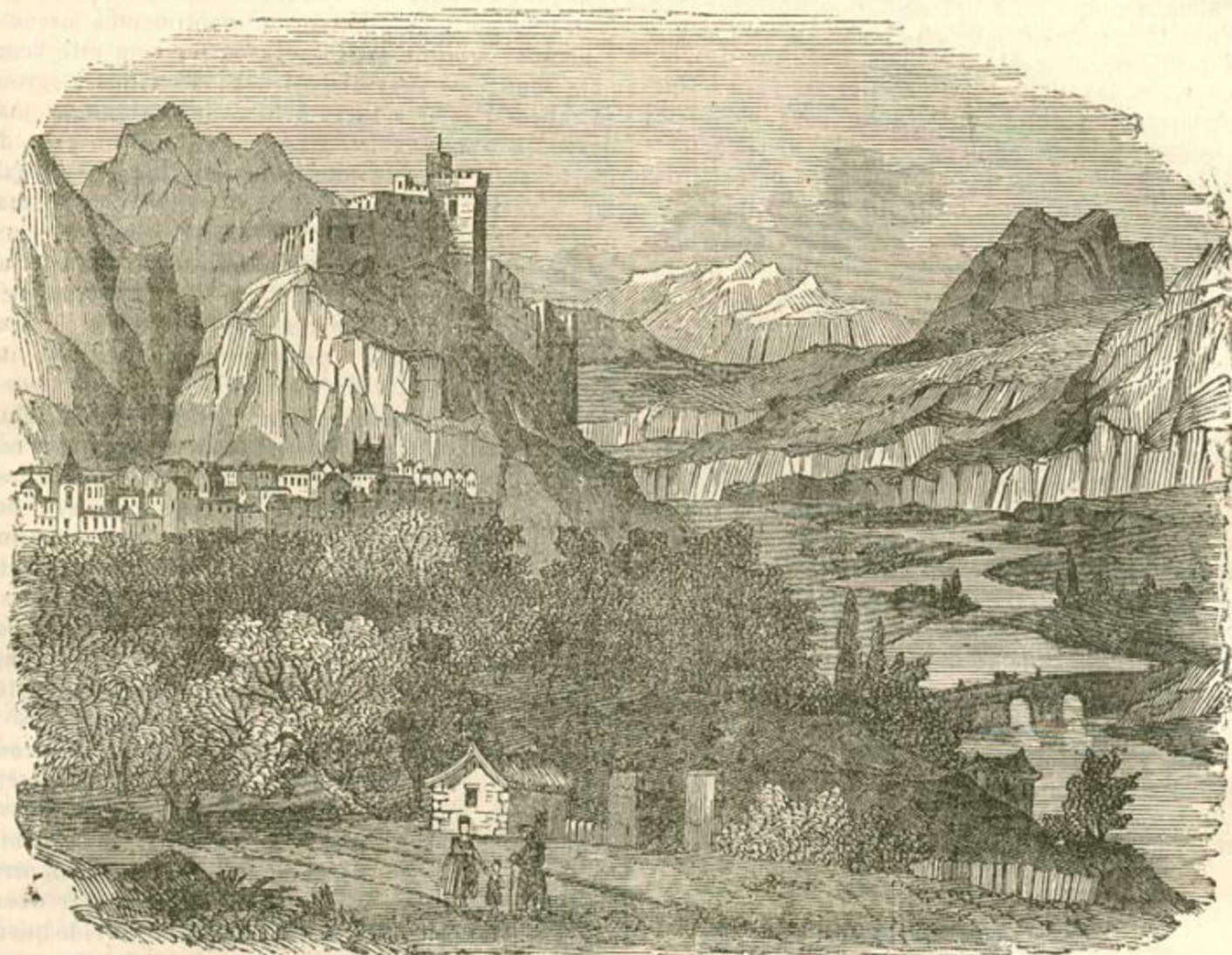
os castelhanos da capital, o reino seguiu brevemente o destino della, e D. Antonio, foragido por muito tempo, teve de ir por fim buscar um asylo em França, onde machinou todas as suas vaãs tentativas para recuperar um sceptro que não soubera conservar.

Tal é em resumo a fôrma porque Portugal cahiu debaixo do jugo castelhano. Os documentos de

que vamos dar noticia illustram uma parte das tramas que Philippe 2.^o empregou para obter o seu tão facil triumpho, o qual deveu mais a esses enredos e á corrupção do paiz conquistado, que á pericia dos seus generaes e ao valor dos seus soldados, que debalde luctavam por subjugar os Paizes-baixos, onde na verdade o povo queria e sabia ser livre.

(Continuar-se-ha).

(A. Herculano).



CASTELLO DE LOURDES.

DÉMOS em o n.^o 134 breve informação das caldas de Bagnères; por occasião da presente gravura falaremos de outras, tambem sitas nos Pyrenéus, e assaz frequentadas. Caunterets é uma villa bonita, bem edificada, limpa, e em local abrigado das grandes tempestades: a sua população estacionaria chega a oitocentas pessoas, mas no tempo dos banhos accomoda mais de mil que concorrem de fóra: faz-se notavel sobretudo pela extraordinaria abundancia e variedade de suas nascentes d'aguas mineaes; vantagem que outr'ora captivára a attenção dos romanos; ainda um dos mananciaes tem o nome de Cesar, pela circumstancia de haver usado deste banho com beneficio conhecido o primeiro imperador romano. Comtudo o objecto archeologico mais interessante naquellas visinhanças é o castello de Lourdes; do seu alcantilado assento e campeando sobre o terreno adjacente, far-se-ha idéa pela estampa que ajuntámos. Esta fortaleza, depois de passar alternativamente pelo dominio de senhores differentes, foi annexada á corôa de França por Filippe o formoso, mas em consequencia da batalha de Poitiers cahiu em poder dos inglezes. O principe apelidado negro [Eduardo] que chegára com sua esposa, a princeza de Galles, á cidade de Tarbes, dis-

tante quatro leguas do castello, confiou a guarnição deste ao mando de Pedro Arnaldo, natural do proprio territorio de Bearn. Decorridos dez annos, conferiu o governo da provincia a João, lord de Grailly, que por tal modo fez desesperar o povo de Bigorre, que rebellados contra os inglezes se ligaram ao duque d'Anjou, irmão de Carlos 5.^o, facilitando-lhe grandemente a conquista da maior porção do bigorrez; todavia, sustentando os inglezes o castello de Lourdes conservavam muita superioridade sobre os seus contrarios. Assenhoreando-se depois o duque de Anjou da fortaleza de Mauvesin, tratou logo de pôr cerco á de Lourdes; falharam os seus esforços contra a coragem e engenho dos defensores: comtudo como ambicionasse em extremo possuir local tão bem fortificado e importantissimo para a segurança do districto, recorreu a Gastão Pbebus, conde de Foix, primo de Pedro Arnaldo já nomeado acima, prommettendo a restituição do condado de Bigorre, para o senhorio do qual allegava Gastão bem ou mal fundados direitos, e pedindo-lhe que movesse o primo a vir a Orthez. Não duvidou o governador de Lourdes, assim convidado, assistir á conferencia, antes porem de partir entregou o commando a seu irmão, tendo-lhe exigido

juramento de permanecer fiel ao rei d'Inglaterra. O conde recebeu com magnificencia a seu primo, liberalisando-lhe muitas dadas, e na occasião mais opportuna, que teve, declarou-se por estas palavras. — «A defensão do castello de Lourdes, presidido por gente bearneza, expõe-me á ira do duque d'Anjou: portanto entregai-me a praça.» — Conde [respondeu o leal cavalleiro] eu sou pobre e vosso parente; mas fiz preito e menagem a elrei d'Inglaterra, e unicamente a elle renderei o castello.» Gastão furioso com a resposta apunhalou o primo inerme: — «Ai! [bradou este] que deshonrais a fé de cavalleiro: convidastes-me para hospede e assassinais-me.» — O conde para completar tão infame acto mandou que a sua victima fosse mettida na masmorra do castello, onde pereceu das feridas. Mas este crime foi inutil para o duque de Anjou; porque João, irmão d'Arnaldo, victoriosamente repelliou as forças hostis, e obrigou o principe a levantar o sitio. — Em tempos recentes a fortaleza de Lourdes tem servido de deposito de prisioneiros de guerra, como por exemplo, inglezes apriacionados no campo de batalha, durante as campanhas de Napoleão.

Sabindo do desfiladeiro de Lourdes o caminhante se vai aproximando, por um lado, das selvaticas e interessantes bellezas dos Pyrenéus, nesta sua região central, e, por outro lado, das ferteis e soalheiras campinas do Bearn: a estrada de Lourdes a Pau, antiga capital daquella provincia, segue á beira do Gave; já se não caminha por entre serras; ás muralhas de penhascos, que limitavam o leito do rio, succedem outeiros verdejantes e selvosos; o terreno é uma perfeita horta bem cultivada; casas, pomares, choupanas, magestosos carvalhos e nogueiras corpulentas, e campos ondeantes de trigo, são os apraziveis objectos que substituem as grandiosas scenas d'entre as montanhas.

PARALLELOS HISTORICOS.

Exemplos illustres de generosa lealdade na desgraça.

Um dos caracteres mais interessantes, assim como um dos mais extraordinarios pelas vicissitudes da fortuna, já prospera já adversa, dos que descreveu o inimitavel Plutarco, foi o de Publio Licinio Crasso, o triumviro. Este romano, filho d'uma familia consular, começou por ver a destruição de toda a sua casa no tempo das proscricções de Sylla e Mario; — seu pai e seu irmão mortos de ordem dos tyrannos; — seus bens confiscados; — e sua cabeça posta a preço. Fugitivo e errante, subiu na Asia á confiança e valimento de Sylla, que ali commandava; — voltando a Roma, fez-se o homem mais rico e poderoso da republica a ponto de ser convidado por Pompeu e Cesar a formar com elles o directorio do mundo; — e no meio deste grande poder, levado d'ambição, de gloria e de ciúme, imaginou conquistar o Oriente, partiu com um exercito, atravessou o Eufrates, e, combatido pelos elementos e pelos parthos nas aridas campinas da Persia, morreu miseravelmente ás mãos dos inimigos, tendo visto primeiro trucidar seu filho e destruir o seu exercito amotinado. Este exemplo memoravel de inconstancia da fortuna começou muito moço por experimentar a extravagante volubilidade do seu destino. O seguinte caso o prova. Era ainda mancebo quando Cinna e Mario, vencedores, enchiam Ro-

ma de luto e proscricções; e vendo-se sem segurança pessoal, sem casa, sem pai e irmão, acompanhado de alguns escravos fieis teve a felicidade de escapar; atravessou até á Hespanha, onde seu pai havia commandado, e onde adquirira alguns amigos. Tendo porem achado tudo aterrado com medo de Mario não ousou dar-se a conhecer; e como d'outro tempo sabia as veredas do paiz retirou-se a uma gruta junto ao mar, formada pelos rochedos cavados das ondas, n'uma fazenda de *Vibius Pacianus*. A precisão de mantimentos forçou-o a mandar um de seus escravos ter com este como para sondar as suas disposições: Pacianus alegrou-se sabendo estar a salvo o filho do seu amigo; mas despediu o mensageiro dizendo-lhe que sob pena de morte se recolhesse sem mais apparecer, nem falar a pessoa alguma. Depois disto mandou chamar o seu escravo que governava a propriedade em que estava a gruta, ordenou-lhe que todos os dias ao cerrar da noite depozeresse á porta da caverna uma cea abundante, e a deixasse ali sem mais indagar nem inquirir noticia, pena de morte á menor indiscrição e curiosidade. Assim se fez; estas provisões eram sufficientes para nutrir os novos anachoretas, e ainda mais, eram lutas e variadas; nos ambages da caverna havia fontes d'aguas que filtradas pelo rochedo ali cahiam refrescando o ar; penetrava o sol pelas aberturas, e communicava a luz a differentes aposentos que a natureza alli formára como galerias; a interessante vista do mar estava patente. Assim passaram alguns tempos, quando Pacianus reflectiu que um mancebo reduzido a semelhante solidão havia d'anojar-se e cabir em tristeza; tomando comsigo duas escravas instruidas e prendadas conduziu-as á borda do mar, mostrou-lhes a vereda do antro, e ordenou-lhes entrassem na caverna sem temor e servissem no que seu novo senhor mandasse. Facil é de imaginar o assombro de Crasso ao ver tal espectáculo; mas ellas, doutrinadas, o socegaram dizendo iam alli procurar e servir a seu senhor. Oito mezes haviam decorrido quando em Roma morreu Cinna; com a morte do tyranno desassombrou-se a gente; saltou Crasso fóra da caverna; mostrou-se no paiz; o infortunio mesmo da sua familia e a reacção da violencia lhe formaram um partido; juntou algumas forças, e com ellas de Malaga se embarcou para a Africa, e dahi, reforçado ainda, partiu para a Asia, onde foi recebido de Sylla com alvoroço, e vencedor com elle entrou em Roma a ser o mais rico dos romanos. E donde veio a ponta do fio da sua fortuna? Da covva? (*) Não; da fidelidade do amigo, o mais seguro asylo na desgraça.

Entre as personagens implicadas na conspiração do duque de Vizeu, D. Diogo, contra elrei D. João 2.º o estava mui principalmente D. Alvaro de Atayde e seu filho Pero d'Atayde. Todos sabem que elrei tinha as provas do trama na mão; e que cahindo como raio sobre os culpados os surprehendeu todos, e fez delles estranha e severa justiça: tres homens sómente escaparam á inexoravel vindicta do soberano; Pero d'Albuquerque, que depois conse-

(*) Em que logar da Peninsula estaria situada esta caverna? Seria na Hespanha, seria em Portugal? A natureza do serviço prestado move a curiosidade de saber a sua localidade. Nós comprazemo-nos em suppôr que seria na Lusitania, onde melhor poderia escapar o fugitivo ás pesquisas da tyrannia que não nas outras provincias mais calcadas das cohortes e vigilancia romanas. Talvez nas grutas e cavernas de Cintra! Talvez nas do penhasco da Arrabida! Quem sabe? . . . Muitas ali existem ainda.

guiu prender na torre de Londres, e os dois Ataydes de que fallámos. A historia do seu livramento é a seguinte. — A parte que coubera aos dois Ataydes na distribuição dos papeis deste drama era, depois de concertado o momento da morte d'elrei, cercar o convento de St.^a Clara de Santarem, apoderar-se da excellente senhora, leva-la ao castello de Lisboa, e com esta especie de refens, grandemente ambicionado por Fernando e Isabel, captar o auxilio hespanhol para collocar no throno o duque D. Diogo. Descuberto o trama, e procurados cuidadosamente todos os conjurados, acharam os Ataydes um homem em Setubal que ousou arrostar a sanha e terrivel vingança do rei homisiando-os em sua casa durante as primeiras pesquisas. Porem o asylo não podia ser seguro por muito tempo, e forçoso era pôr a salvo ao longe. Valeram-se da fidalguia cavalleirosa do conde de Villa-real, D. Pedro de Menezes, e entregaram-se-lhe para os salvar. D. Pedro entregou-os a seu filho D. Antonio de Menezes, moço de 18 annos, o qual de noite e por entre mil perigos os levou á Galliza, e deixando-os seguros voltou a dar conta da sua commissão. O conde de Villa-real então acompanhado de seu filho foi a palacio denunciar-se a elrei, e contar-lhe tudo. D. João 2.^o era talhado para avaliar as acções generosas; e voltando-se para o mancebo D. Antonio, ainda imberbe, lhe disse: — Os filhos de Villa-real nascem emplumados. —

Outro exemplo consolador de deferencia aos foros da desgraça foi a lealdade e serviços praticados no livramento do Sr. D. Antonio, prior do Crato, e de seus dois filhos, D. Manuel e D. Christovão, ainda meninos. Bem conhecidos são os resultados do combate da ponte d'Alcantara em Lisboa; a fuga do pertendente para Santarem, Porto e provincia do Minho, perseguido de perto pelas forças castelhanas, que de todas as partes da fronteira lhe iam pondo cerco: era-lhe caro o paiz, alentavam-o as sonhadas glorias do throno, enternecia-o a dedicação do seu partido popular ainda numeroso, mas sem força; d'asylo em asylo andou até embarcar definitivamente para França. Ninguem o trahi: o derradeiro coute do seu homisio foi a quinta de Macieira ao pé do mar, entre Esposende e Vianna, pertencente a uma familia nobre de Villa do Conde [hoje de José Carneiro Rangel]. Não podendo reunir os filhos ao seu destino deixou estes n'uma aldêa de St.^a Eulalia de Fremontãos, em casa d'uma viuva, donde os tomou mais tarde um conego de Guimarães que os conduziu á Hollanda sãos e salvos.

J. da C. N. C.

Biographia.

ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS.

Quam claro aquelle que por feito ou dito,
Deixou nome immortal ou glorioso,
Exemplo aos seus em proveitoso escripto.

ANTONIO FERREIRA. — Carta a Manuel de Sampaio.

Ceux qui l'ont méconnu, pleureront ce grand'homme.
LAMARTINE. — Meditations Poétiques.

CONHECER a vida do homem probo, e os actos que a ennobreceram, é util a presentes e a vindouros —

áquelles pelos bons exemplos que nella encontram — a estes porque, e com rasão, a reputam um modelo que a tradição lhes aponta e induz a imitar. Quando, porem, ás boas prendas da alma se reúnem dotes scientificos; quando á probidade e inteireza do magistrado se acha vinculado o amor apaixonado das letras, de que provieram uteis lucubrações, e diuturnas vigalias no vasto campo das sciencias, sóbe então de ponto aquelle interesse, e se torna mais reprehensivel a incuria dos que pozeram sobre um nome illustre a fria lousa do esquecimento.

É por isso que homens verdadeiramente illustres, cujos nomes deveriam todos os dias repetir-se com profunda veneração, se acham hoje, uns totalmente esquecidos, e outros quasi ignorados, porque nem sequer teem registo nos annaes da nossa historia.

Não vemos, entre muitos, que em paga de grandes serviços receberam opprobrio e humilhação, a um Duarte Pacheco,

O grão Pacheco, Achilles lusitano,

que havendo exaltado o nome portuguez nas mais remotas partes do oriente, morreu n'um hospital, desprezado pelo povo, e malquisto com o rei, em pró de quem tanto lidára em mil perigos e batalhas? — a Affonso d'Albuquerque,

... grande varão, raio da guerra,

que, victima de tenebrosos enredos da córte, se finou sobre as aguas do oceano, ficando *mal com elrei por amor dos homens, e mal com os homens por amor d'elrei?* — a Luiz de Camões, que teve morte obscura, que os soccorros do seu fiel jóo por algum tempo afugentára? — a Antonio José, que, com o seu genio comico e jovial, fóra arrojado ás chammadas da inquisição pelo supposto e ridiculo crime de judaismo? — a Domingos dos Reis Quita, que cantára

«Pelos brandos caminhos do arvoredado

.....
Pelas sombrias margens dos regatos
Com a bella Licori as brandas queixas,
..... do terno amor.»

o qual sempre pobre, e desprezado por quem devêra galardoar-lhe o talento, só encontrou na hora derradeira o valimento de uma dama nobre e apiedada?

A incuria que censurámos — que deixou sumido na escuridade tanto nome illustre — desculpavel, em certo modo, no tempo em que era quasi um crime o uso do sublime invento de Guttemberg; e em que a analyse das boas ou más acções dos homens tinha que circumscrever-se ao acanhado circulo traçado pela censura ao livre curso do pensamento, não o é agora em que, ao abrigo das instituições vigentes, é licito publicar com desafogo as acções dos homens, que devam servir de modelo aos outros por qualidades moraes e scientificas.

Acha-se justamente neste caso o illustre varão de que vamos tratar. Foi o conselheiro Antonio Ribeiro dos Santos, ecclesiastico sisudo e grave, magistrado distincto e probo, e escriptor elegante e puro. Passou elle á eternidade, vergando sob o pezo de longos e aturados serviços que prestára ao estado e ás letras, sem que até hoje merecesse a honra, não diremos de se lhe escrever extensa biogra-

phia, mas nem sequer a de se lhe traçar succinta noticia historica, que lançasse os cimentos para obra mais grandiosa, qual a de que é digno tão eximio sabio.—Pela nossa parte procuraremos lavar tão feia nodoa de ingratição, do modo que em nós couber, consagrando algumas linhas á virtude, ao talento, e ao saber deste illustre portuguez.

Nasceu Antonio Ribeiro dos Santos a 30 de março de 1745 no lugar de Massarélos, freguezia de N.ª S.ª da Boa-Viagem, extra-muros da cidade do Porto. Seus paes, que viviam honesta e limpamente, foram o coronel de mineiros, Manuel Ribeiro dos Santos Guimarães, natural da freguezia de S. Miguel do Creixomil, no arcebispado de Braga; e D. Josefa Maria de Jesus, nascida na freguezia de S. Martinho de Lordelo, a meia legua da cidade do Porto. O doutor Antonio d'Oliveira Palheiros ministrou a Antonio Ribeiro dos Santos o sacramento do baptismo, no dia 30 d'abril do referido anno de 1745.

A chamamento de André João Santiago de Costoias, avô d'Antonio Ribeiro dos Santos, partiu este da cidade do Porto para a do Rio de Janeiro no 1.º de setembro de 1756, tendo 11 annos de idade. Chegando ao seu destino logo alli entrou no seminario de N.ª S.ª da Lapa, notavel pelas suas escholhas e pelos estudos bem concertados que offerecia á mocidade. No dito seminario cursou Antonio Ribeiro dos Santos o estudo de humanidades, tendo por mestres, nas differentes disciplinas, a alguns ex-jesuitas, d'entre os quaes muito elle se confessa devedor ás lições do padre Francisco Moreira de Miranda.

Voltando a Portugal em 1764, com seu tio Gonçalo Ribeiro dos Santos, que vinha estabelecer-se em Lisboa, passou, nesse mesmo anno, a estudos maiores na universidade de Coimbra, aonde muito se distinguiu por grande talento, applicação, e exemplar compostura no proceder. Gaspar de Saldanha era então reformador-reitor da mesma universidade.

Em 1770 fez actos grandes, para os quaes compoz, e imprimiu o livro intitulado *De sacerdotio et imperio, selectæ dissertationes &c.*—Recebeu o gráu de doutor em canones no dia 7 de fevereiro de 1771, conferindo-lho o seu mestre Christovão d'Almeida Soares, depois bispo de Pinhel. Antonio Ribeiro dos Santos alcançou, em breve, um logar d'oppositor ás cadeiras da faculdade.

Pela nova reforma da universidade de Coimbra, começada em 1772 pelo marquez de Pombal, entrou Antonio Ribeiro dos Santos, como collegial, no real collegio das ordens militares, por carta patente de 25 de setembro do dito anno, e alli tomou o habito de Santiago da Espada.—Corria já então veloz a fama dos seus conhecimentos bibliographicos, e por isso, em 9 de fevereiro de 1777, o proveu a universidade no cargo de seu bibliothecario, sendo elle o primeiro que serviu tal logar. Por decreto de 20 de agosto de 1779 foi nomeado lente substituto da faculdade de canones, para o que se habilitára em concurso de oppositores.

A academia real das sciencias de Lisboa—fundada em 1779 pelo incansavel zêlo do duque de Lafões, D. João Carlos de Bragança, e com a coadjuvação scientifica do abbade José Corrêa de Serra, e visconde de Barbacena, Luiz Antonio Furtado de Mendonça, o primeiro secretario que teve a academia—procurava com assiduo empenho a aquisição, para o seu seio, dos homens mais abalizados do paiz. Já se vê, attendendo a tal qualificação, que Antonio Ribeiro dos Santos havia ser ne-

cessariamente comprehendido em o numero dos primeiros socios que contasse aquella corporação scientifica. Assim aconteceu, sendo elle um dos membros mais uteis e prestadios que teve a academia real das sciencias de Lisboa—do que dão pleno testemunho as contas annuaes dos seus secretarios, e os valiosos subsidios para a nossa historia politica e bibliographica, dados por aquelle sabio, e impressos nas memorias da mesma academia. Tambem foi chamado em 1780 para a academia que se congregava em casa do conde de Vimieiro com o intuito d'escrever as biographias dos portuguezes distinctos.

Por decreto de 6 de maio de 1782 foi Antonio Ribeiro dos Santos igualado a lente da cadeira de direito natural na universidade de Coimbra, em premio da oração latina que recitou na capella da mesma universidade, por occasião das exequias da senhora rainha D. Marianna Victoria, filha de Filippe 5.º rei d'Hespanha, e mulher d'elrei D. José, sendo-lhe tambem concedida, por tal motivo, a pensão annual vitalicia de 50,000 réis.

Iam em grande crescimento na cõrte os credits scientificos de Antonio Ribeiro dos Santos. Os conhecimentos philologicos deste sabio emparelhavam perfeitamente com os que possuia em materias de jurisprudencia. Não discorria este apaixonado das musas só pelos graciosos campos da poesia;—nem, pulsando a doce lyra d'Apollo, só vivia:

..... ledo
De Lucrecio, d'Horacio, e de Virgilio,
De Sá, e de Ferreira acompanhado;

mas tambem applicava boa parte do seu tempo ao arido, e profundo estudo da legislação patria e universal—sciencia em que, como em muitas outras, foi eminente e consumado. Deu isso logar a que, por aviso de 25 de julho de 1788, fosse chamado á cõrte, para objectos do real serviço, e nomeado, em 3 de fevereiro do seguinte anno, vogal da junta de revisão e censura do novo codigo; compondo, em desempenho dos seus deveres nesse cargo, a *censura do plano do novo codigo, ou reflexões sobre o codigo do direito publico de Portugal*, que apresentou á mesma junta no referido anno de 1789.

(Continúa.)

M. J. M. Torres.

COMPENDIO ELEMENTAR DA GRAMMATICA PORTUGUEZA
pelo Sr. Carlos Augusto de Figueiredo Vieira.
2.ª edição revista e augmentada.

EM 1841 foi este epitome pela primeira vez impresso, e assim que chegou ao nosso conhecimento logo o recommendámos para manual dos rudimentos da lingua materna, em rasão do methodo e clareza, e porque em espaço comparativamente breve comprehende a doutrina mais principal na materia. Soubemos que muitos professores, por convicção igual á nossa, o adoptaram em suas aulas; a edição exhausta deu logar á 2.ª, que ao presente sahiu melhorada com os additamentos que o auctor julgou necessarios, e constam não só de varias notas, como tambem de ampliações no corpo da obra, onde, ou alguma especie fóra ommittida, ou convinham mais explicações, como, por exemplo, nos logares, em que se trata dos generos, da formação dos pluraes, dos superlativos &c. Subsistindo pois o merecimento deste util opusculo, assentámos de noticiar a sua reimpressão ás pessoas dedicadas á educação da infancia.